



D Mais // Livros



A autora fotografada junto ao cemitério de películas na montra da Cinemateca, em Lisboa

RODRIGO CABRETA



Cinema Português – Um País Imaginado

De Leonor Areal

Ano: 2011

Preço: 30€ (Cada Volume)

Uma visão diferente sobre a história do cinema português dividida em dois volumes, antes e após 1974. Um discurso sobre a história e a sociedade portuguesa construído através do estudo do seu espólio fílmico.

Leonor Areal.

“A missão? Imaginar Portugal através da história do cinema”

Leonor Areal transformou a sua tese de doutoramento em livro. “Cinema Português – Um País Imaginado” é uma reflexão sobre o cinema e a sua visão da sociedade

PEDRO RODRIGUES
pedro.rodrigues@ionline.pt

Tudo começou quando Leonor Areal se dirigiu ao ANIM (Arquivo Nacional das Imagens em Movimento) para trabalhar na sua tese. Ao se deparar com a fachada de palácio e um interior de bunker, surgiu a ideia: E se caísse uma bomba e só restasse o espólio de cinema para imaginar a história do país e da sociedade? Este foi o ponto de partida para o recém-publicado “Cinema Português - Um País Imaginado”.

Qual o objectivo destes dois volumes?
A missão? Imaginar Portugal através da história do cinema. Só com os filmes, com que imagem ficamos do mundo representado? Não recorri a outras fontes de informação. Se existem lacunas, não as procurei documentar, mas sim perceber porque é que existiam, porque se calhar não se podia falar disso mesmo, eram tabus. **É o caso da guerra colonial, por exemplo?**
Sim. Não podia aparecer nem ser comentada de forma alguma. No entanto, aparece num único registo, o “29 Irmãos”, um

filme de regime. Nota-se a defesa de uma visão conciliadora da guerra. Tendo apenas como base o cinema, a partir desse registo já me seria possível perceber que em mais duas ou três películas contemporâneas apareceram alusões a esse evento. Se não existisse o “29 Irmãos”, é como se a guerra nunca tivesse existido.

Quais as principais diferenças entre o cinema do antes e depois do 25 de Abril?

O cinema antes de 1974 estava condicionado por uma censura severa, tal como todas as formas de expressão. A resistência que não se podia exercer directamente pelas palavras e as acções era feita pelo uso das formas, pela vertente estética, coisas muito alusivas como pequenos gestos sugestivos muito comuns no Cinema Novo, na década de 60.

É a marca de um cinema de resistência?
O cinema resistente em Portugal abarca o neo-realismo de Manuel Guimarães e este Cinema Novo com cerca de 17 autores, sendo que cada um deles só fez um filme, mas há uma grande unidade entre eles. É como se cada filme novo fosse uma pedrada no charco. Estudá-los permitiu-

me perceber melhor a evolução da sociedade acompanhada por uma evolução de conteúdos e estéticas no próprio filme.

E como foi a evolução depois de 1974?

O cinema seguiu em várias direcções. Apareceu o “Cinema Livre”, já sem o peso das correntes da censura. De repente o mundo mudou num relâmpago e, apesar de haver continuidades, o cinema tornou-se muito mais expansivo e ainda mais simbólico. Mas houve uma espécie de totem que continuou desde o período da ditadura: a figura do pai, o patrono, a pátria, o padre. Todos eles personificados de formas diferentes mas sempre como representantes da autoridade patriarcal. Essa figura é visível no cinema do Estado Novo. Mas a partir da década de 70 começaram a aparecer filmes a matar essa figura da autoridade. A morte do pai tirano é um elemento que persiste desde então e esteve presente até aos anos 90, símbolo do que se passou na revolução.

Alguns títulos em especial para se ter focado no período entre os anos 50 e 80?
A maior parte dos filmes anteriores a 50 ou estavam perdidos ou incompletos. O

período que estudei foi uma época em que o cinema sofreu muitas mudanças e isso interessou-me. Depois dos anos 80 o cinema seguiu em muitas direcções e, por ser uma época mais próxima, não era capaz de encontrar a distância suficiente para o estudar. Claro que houve linhas temáticas que se mantiveram desde essa época até hoje, o que me levou a segui-la como uma árvore que se ramifica cada vez mais, mas não podia seguir todos os galhos, escolhi alguns para me focar, como a temática do regresso à terra ou a obra incontornável de Manoel de Oliveira e João César Monteiro.

Que década indicaria para melhor conhecer o cinema português?

O Cinema Novo, na década de 60. Foi a mais marcante no que diz respeito aos contornos à censura e também onde se insere o meu filme preferido, “O Cerco” de António da Cunha Telles. É o modo de vida durante o fascismo, um filme de bufos, onde toda a gente alude, mente, dá a entender, engana, e andam todos aflitos de dinheiro. É um filme sobre a pequena censura do quotidiano.

E considera algum realizador como um marco emblemático?

Defendo que na maior parte das vezes a obra de um só realizador é mais diversificada que a obra de vários realizadores numa mesma época. Muito além das suas idiossincrasias enquanto artistas, os realizadores são permeáveis à manifestação da época em que estão a trabalhar. Os filmes alteram-se consoante as épocas, independentes dos seus autores continuarem os mesmos. Mas este trabalho permitiu-me descobrir um autor, o Manuel Guimarães, o único representante do neo-realismo nacional e um óptimo cineasta com sete longas-metragens muito coerentes, apesar dos filmes terem sido mutilados pela censura. Merece mais atenção por parte dos historiadores de cinema.